

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA: UM ESTUDO DE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Bárbara Loureiro Andreta¹

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O romance *Úrsula*, escrito por Maria Firmina dos Reis, em 1859, cerca de 29 anos antes da abolição da escravidão no Brasil, é o primeiro romance de temática abolicionista da literatura brasileira. O presente trabalho, realizado através de levantamento bibliográfico e análise crítico-interpretativa, realizada sob os auspícios da crítica literária de orientação feminista, tem como objetivo, fazer um resgate do romance *Úrsula*, apresentando a temática da obra e uma reflexão acerca da exclusão da voz e da escrita das mulheres brasileiras do século XIX dos cânones literários.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; autoria feminina; *Úrsula*.

Abstract: The novel *Úrsula*, written by Maria Firmina dos Reis, in 1859, approximately 29 years before the abolishment of slavery in Brazil, is the first novel with an abolitionist thematic in Brazilian literature. The objective of this article, done through a bibliographic revision and critical interpretative analysis, under the auspices of feminist literary criticism, is to salvage the novel *Úrsula*, presenting the literary thematic and a reflection about the exclusion of 19th century Brazilian women from the literary canons.

Keywords: Afro-Brazilian literature; female authorship; *Úrsula*.

1. Acadêmica do Curso de Letras/Espanhol – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista PIVIC (Programa Institucional de Voluntário em Iniciação Científica) no projeto de pesquisa Ressonâncias e dissonâncias no romance lusófono contemporâneo, sob a orientação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós.

I. Introdução

Faz-se importante refletir acerca da exclusão da voz e da escrita de mulheres como Maria Firmina dos Reis dos cânones literários, bem como sobre sua representação no processo de constituição da nacionalidade, considerando-se as diferenças de gênero, raça e classe social. Segundo Rita Terezinha Schmidt (2000), o nacional constituiu-se como um domínio masculino, de forma direta e excludente, sendo a exclusão da representação da autoria feminina no século XIX, uma das formas de exercício do poder hegemônico de uma elite cultural, que atribuiu a si o direito de representar e significar a nação, conferindo-lhes validade universal. Assim, a visibilidade e a circulação das obras de autoria feminina no campo acadêmico da construção de saberes não só afetam o estatuto da própria história cultural e literária, instalando na reflexão historiográfica interrogações acerca de premissas críticas e cristalizações canônicas, como também problematizam as representações dominantes calcadas no discurso assimilacionista de um sujeito nacional não marcado pela diferença, mas que, na prática, gerou as formas de exclusão de voz, presença e representação no processo de constituição da nacionalidade, do ponto de vista da diferença de gênero, raça e classe social (SCHMIDT, 2000).

Desta forma, o descrédito à literatura produzida por mulheres no passado é uma forma de controlar o campo literário a partir de um conceito de literatura que ratifica o aparato de saber/poder ligado às elites culturais – ou seja, a comunidade interpretativa de indivíduos que introjetaram o ponto de vista do gênero, da classe e da raça dominante – e que, portanto, está inserido no campo das relações de poder (SCHMIDT, 2006).

Percebe-se que as autoras negras do século XIX ainda são pouco estudadas na literatura nacional, assim como sua influência na literatura de autoria afrodescendente dos séculos XX e XXI. Este trabalho justifica-se pela importância de se resgatar a obra de Maria Firmina dos Reis, não ape-

nas pelo seu pioneirismo no que diz respeito à questão da escravidão no Brasil, mas também pelo fato deste pioneirismo ter partido de uma mulher afrodescendente, e que vivia distante dos principais centros intelectuais de país. O presente trabalho, realizado através de levantamento bibliográfico e análise crítico-interpretativa, visa resgatar um pouco da trajetória literária da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825 – 1917), que escreveu o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, *Úrsula* (1859).

A condição de colonialidade dos sujeitos que estão às margens, das minorias étnicas e raciais, das mulheres e dos homossexuais e até mesmo das nações emergentes começou a ter visibilidade, segundo Anselmo Peres Alós e Rita Terezinha Schmidt (2009), a partir do momento em que a teoria contemporânea começou a operar com conceitos como *marginalidade*, *alteridade* e *diferença*. Os autores entendem por *colonialidade* a permanência residual, através de ajustes e transformações, que permitem a reintegração dos sujeitos que estão às margens, bem como sua efetiva ação em um mundo em transformação.

Desta forma, considerando-se que *Úrsula* teve sua primeira publicação em 1859 e só voltou a ser estudada na década de 1970, a partir da publicação de sua edição fac-similar por Horácio de Almeida, é válido lembrar Schmidt (2008), quando esta afirma que a investigação de inclusões e exclusões históricas é uma forma de tornar visíveis as relações com a ideologia subjacentes às estruturas que definem a natureza do literário e a função da história literária como uma grande narrativa, que é gerada em função de escolhas políticas e não de escolhas desinteressadas ou neutras. O conteúdo e a estrutura estão imbricados em uma formação discursiva dominante, e seus efeitos ideológicos confirmam os sentidos e os lugares sociais em que esses são produzidos. A questão não é considerar as histórias literárias do ponto de vista de seus critérios de veracidade ou correspondência entre narrativas e eventos passados, mas de questionar sobre os conhecimentos que são gerados por seus *constructos* e a que interesses servem (SCHMIDT,

2008). Assim, a história literária é uma referência dos nexos de nacionalidade, visto que busca cristalizar o que se chama de “narrativização da memória” nos moldes de uma formação discursiva homogênea e uniformizadora. Esta funciona como um elemento de interpelação através da qual a identidade horizontal do sujeito nacional é constituída e protegida dos embates suscitados pela diferença e pela alteridade (SCHMIDT, 2008).

2. Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, no Maranhão, em 1825 e morreu em 1917. Maria Firmina dos Reis era mulata, bastarda e não pertencia a uma família opulenta, e foi a primeira voz feminina que registrou a temática do negro com a publicação da obra *Úrsula*, em 1859. Esta obra foi editada pela primeira vez em 1859 em São Luís do Maranhão, assinada pelo pseudônimo de “Uma Maranhense”, um recurso bastante utilizado no século XIX, principalmente entre as mulheres (OLIVEIRA, 2007). A autora escreveu também um romance de temática indianista, *Gupeva* (1861)², um livro de poesias intitulado *Cantos à beira-mar* (1871), o conto *A escrava* (1887) e outros poemas esparsos na imprensa da época, além de composições musicais e do *Hino à liberdade dos escravos* (1888). O exercício da escrita foi, para as mulheres do século XIX, uma forma de romper os limites entre o privado e o público, destacando-se que o espaço privado era o único local aceitável para uma mulher. O ato de escrever, no caso das mulheres, de uma maneira geral, mas especificamente no caso de uma mulher subalternizada como Maria Firmina dos Reis, era como uma transgressão, que ultrapassava os limites sociais acordados por uma

2. Em 1861, o jornal literário *O Jardim dos Maranhenses* iniciou a publicação do romance *Gupeva*, em 1863, o romance foi republicado pelo jornal *Porto Livre* e em 1865, o romance foi novamente republicado, pelo jornal literário *Eco da Juventude* (REIS, 2004, p. 11).

sociedade conservadora e escravocrata. Desta forma, para Maria Firmina dos Reis, escrever *Úrsula* significou um duplo movimento, que oscilou entre a realização da obra, enquanto arte, e o ato político (TAVARES, 2007).

3. *Úrsula*

Úrsula é uma narrativa marcada por desencontros, ilusões e decepções, tendo como principal diferencial um desfecho fatídico e infeliz, contrastando com os finais felizes esperados para as narrativas da época, para que agradassem ao público feminino, que ocupava seu tempo e sua cabeça lendo histórias de amor (MENDES, 2011). O romance encerra a história da jovem *Úrsula* que, aprisionada por um tio mesquinho em uma fazenda falida no nordeste do Maranhão, vê-se envolvida em uma tragédia familiar e amorosa: sua mãe é doente e depende de seus cuidados e o grande amor de sua vida, Tancredo, é assassinado pelo tio que, na verdade, a ama e deseja desposá-la. Sobre o ar ainda há a suspeita de que o tio tenha roubado e matado o pai da protagonista do romance, fato que atormentará *Úrsula* durante toda a novela. A escravidão é o cenário social do enredo; deve-se considerar que em uma época cheia de interdições, as mulheres do século XIX produziram uma literatura marcada por sua história corporal, psíquica e social. Assim, uma história da literatura brasileira com vistas à inserção da escrita feminina deve atentar para os fatos peculiares que circundam esse universo de produção literária, observando e compreendendo os limites impostos por uma sociedade patriarcal e escravocrata (TAVARES, 2007).

Adriana Barbosa Oliveira (2007) observa que um importante ponto em comum entre a Maria Firmina dos Reis e seu primo é a preocupação com a linguagem. Francisco Sotero dos Reis, autor do *Curso de literatura portuguesa e brasileira* acreditava ser necessário que todo literato tivesse conhecimentos linguísticos aprofundados para que obtivesse êxito na literatura, sendo, desta forma, favorável ao uso da norma culta e contrário

ao uso de “vulgarismos” na literatura³. O romance inicia-se com a voz narrativa contando a história do jovem Tancredo que, após passar seis anos estudando Direito em São Paulo, volta para a província e se apaixona por sua prima Adelaide. A oferta de um emprego longe da província faz com que ele se ausente por mais um ano, época em que sua mãe morre, o que o traz novamente para a casa paterna. Ao retornar, encontra seu grande amor, Adelaide, casada com seu pai. Abatido, Tancredo sai de casa a cavalo, quando sofre um acidente:

De repente o cavalo, baldo de vigor, em uma das cavidades onde o terreno se acidentava mais, mal podendo conter-se pelo langor de seus lassos membros, distendeu as pernas, dilatou o pescoço, e dando uma volta sobre si, caiu redondamente. O choque era por demais violento para não despertar o meditado viajor: quis ainda evitar a queda: mas era tarde, e de envolta com o animal rolou no chão (REIS, 2004, p. 19).

Tancredo é, então, socorrido por Túlio, um escravo, que se torna amigo de Tancredo e é por ele alforriado:

Reunindo todas as suas forças, o jovem escravo arrancou de sobre o pé ulcerado do desconhecido o cavalo morto, e deixando-o por um momento, correu à fonte para onde uma hora antes se dirigia, encheu o cântaro, e com extrema velocidade voltou para junto do enfermo, que com desvelado interesse procurou reanimar. Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade colocado-lhe a cabeça sobre seus joelhos. Só Deus testemunhava

3. De acordo com Zahidé Muzart (*apud* OLIVEIRA, 2007, pp. 26-27), Maria Firmina dos Reis era prima, por parte de mãe, do gramático Francisco Sotero dos Reis e, segundo registros em alguns de seus poemas, a ele Maria Firmina deve parte de sua educação, tendo recebido influência das concepções literárias de seu mestre.

aquela cena tocante e admirável, tão cheia de unção e de caridoso desvelo! E ele continuava a sua obra de piedade, esperando ansioso a ressurreição do desconhecido, que tanto o interessava (REIS, 2004, p. 23).

Após o acidente, Túlio leva Tancredo para o sítio onde Úrsula e sua mãe moram, e é neste sítio que eles se conhecem melhor e se apaixonam, trocam juras de amor e Tancredo, ao se despedir de Luísa – mãe de Úrsula – a tranquiliza quanto ao futuro da filha, partindo, então, com Túlio, sob a promessa de voltar em quinze dias:

– Agora, senhora – continuou o mancebo dirigindo-se a Luísa B... que apenas ouvia-lhe a voz – agora não me negueis o único bem que ambiciono na vida. Senhora, eu amo a Úrsula, e fora preciso não conhecê-la para sair desta casa sem levá-la no pensamento e no coração. É Úrsula, senhora, o anjo dos meus sonhos, é a esperança da minha vida. Viver sem ela d’ora em diante fora morrer mil vezes, sem nunca encontrar o descanso da sepultura. Não ma negueis. Úrsula é a esposa que convém a minha alma, é a esposa que pede o meu coração. Sereis vós surda à minha súplica? (REIS, 2004, p. 107).

Durante a ausência de Tancredo, Fernando – tio de Úrsula – reaparece, declarando-se arrependido por todo o mal que fez para sua irmã e seu cunhado, já falecido, alegando que pretende reparar o erro casando-se com Úrsula e fazendo dela sua herdeira:

Louca, louca, que eu fui, tinha diante dos olhos o comendador P***, o perseguidor de minha mãe, e...

– O assassino de teu pai, minha Úrsula – interrompeu Luísa B... com indefinível amargura.

– Será possível? – exclamou a moça atônita.

– Sim – tomou ela – acaba de confessar-mo num transporte, que diz de vivo arrependimento.

– Oh! que horror! – disse Úrsula, levando as mãos ao rosto lívido de pavor.

– E diz que loucamente te adora, e quer compensar-te com seu nome, e com a sua fortuna dos males que nos há feito!...

– Que insulto nos faz o comendador – o assassino de meu pai!!!

– (...)

Fernando voltará aqui com um sacerdote, que há de abençoar, em presença deste leito de agonia, a união forçada da filha de Paulo B..., com o seu assassino!

– Oh! não... nunca, nunca! – bradou a donzela fora de si.

(...)

– (...) Meu Deus! Perdoai-me, se peço nisto...

Aconselho-te... que fujas...

Foge... minha... fi...lha!... fo...ge!...

Foram suas últimas palavras, a custo arrancadas e entrecortadas pela morte (REIS, 2004, pp. 149ss).

Tancredo e Túlio regressam e ficam sabendo, através de Susana – morte de Luísa, das intenções de Fernando e que, naquele momento, Úrsula tinha ido fazer uma visita ao túmulo da mãe. Os dois partem, então, para encontrar com Úrsula e quando a encontram, a jovem estava desacordada, sendo levada, então, para um convento, para que ficasse a salvo das intenções de seu tio, o que possibilitaria, assim, seu casamento com Tancredo. Fernando fica furioso ao procurar Úrsula e descobrir que esta tinha saído para visitar o túmulo de sua mãe, ordena, então, que Susana seja levada até a sua fazenda e torturada até a morte:

– Susana! Hás de pagar-me! – bradou fora de si – Não zombarás de mim impunemente. Ao inferno descerás, negra maldita, e todo o

meu rigor não bastará para a tua punição. Foi debalde que tentaste iludir-me! O coração bem mo dizia que a não acharia aqui!... (REIS, 2004, p. 184).

– Vedes? – lhe disse apontando com o dedo na direção do poente
– É ela, - é Susana!

O comendador levantou maquinalmente a cabeça e olhou.

Em uma rede velha levavam dois pretos um cadáver envolto em grosseira e exígua mortalha; iam-no sepultar!

Então Fernando P.. estremeceu; porque aos ouvidos ecoou-lhe uma voz tremenda e horrível que o gelou de medo. Era o remorso pungente e agudo, que sem tréguas nem pausa acicalava o seu coração fibra por fibra.

Escondeu o rosto, espavorido, e meneando a cabeça disse:

– Não! Não fui eu!

– Fostes! – tornou-lhe o padre com o acento de que vai julgar – A infeliz sucumbiu à força de horríveis tratos. Martirizastes a pobre velha, inocente, e que não teve parte na desapareição de Úrsula! (REIS, 2004, pp. 224 – 225).

No dia seguinte, Túlio foi capturado por dois empregados de Fernando e levado até ele, o qual propôs a Túlio que traísse Tancredo, para que Fernando pudesse matá-lo, porém, Túlio recusou tal proposta, sendo, então, preso por Fernando. Túlio, porém, consegue fugir e parte em direção ao convento onde Úrsula estava, na tentativa de avisar Úrsula e Tancredo que Fernando planejava uma emboscada. Túlio foi assassinado logo depois de avisar o jovem casal dos planos de Fernando. Tancredo, mesmo cercado pelos empregados de Fernando, atira neste, mas é morto a punhaladas pelo comendador, que desconsidera os apelos da jovem noiva:

Luta desesperada travou-se entre ambos. Os asseclas do comendador agarraram Tancredo pelas costas, e o covarde comendador embebeu-lhe no peito o punhal que trazia na mão (REIS, 2004, p. 215).

Poucos dias depois, Úrsula fica louca e morre e Fernando termina seus dias em um convento, onde passa a se chamar Frei Luís de Santa Úrsula, “o louco”:

E ela, nesse transe supremo, cruzou as mãos sobre o peito, apertando nesse estreito abraço a florzinha seca de sua capela, e murmurou – Tancredo! – e, com os lábios entreabertos, e onde adejava um sorriso divinal, e como um anjo deu o último suspiro (REIS, 2004, p. 230).

Frei Luís de Santa Úrsula, ou antes o comendador Fernando P..., volveu os olhos já baços pela morte, e olhando para o Crucificado, e depois para o padre, disse:

– Amei-a, padre; amei-a mais que ao Filho de Deus, mais do que à salvação da alma, e por amor dela despenhei-me no inferno!... – E as lágrimas começaram a cair-lhe pelas áridas faces (REIS, 2004, p. 234).

O romance *Úrsula* antecipa a obra do poeta abolicionista Casto Alves (cuja produção vai de 1876 a 1883); a obra *Vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manoel de Macedo e *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. O diferencial de Maria Firmina dos Reis, entretanto, deve-se ao fato de ser o primeiro romance de autoria afrodescendente, recuperada do esquecimento por parte da historiografia literária brasileira em função da edição fac-similar preparada por Horácio de Almeida e vinda a público em 1975, mesmo ano em que Nascimento Morais Filho publicou o volume *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. Os estudos de Charles Martin, que estão presentes no prefácio da terceira edição de *Úrsula* (1988), o artigo

de Luiza Lobo (1993) e o estudo de Zahidé Muzart (2000) fazem parte da recepção crítica sobre Maria Firmina dos Reis e sua obra.

Úrsula é colocada como obra fundadora da literatura afro-brasileira ao lado de *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, do poeta Luís Gama, ambos publicados no mesmo ano, segundo informa Eduardo de Assis Duarte, em seu artigo “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”. A obra de Maria Firmina dos Reis, ao contrário do que aconteceu com a obra de Luís da Gama, permaneceu no esquecimento por muito tempo, segundo Muzart (2000), o que se deve ao fato de o livro ter sido editado na periferia, longe da Corte, além de ter sido escrito por uma mulher e mulata. Entretanto, Marcelo José da Silva (2009) acredita que sua condição étnico-social pesou mais do que seu posicionamento geográfico, visto que, no mesmo período, é possível encontrar publicações de compatriotas de Maria Firmina dos Reis do sexo masculino.

Úrsula adota um posicionamento explicitamente antiescravagista. O romance não tem a pretensão de ser uma bula abolicionista, entretanto, o fato de se tratar de uma literatura emergente deve ser privilegiado. Como mulher, intelectual e negra, Maria Firmina dos Reis não pertencia a nenhum grupo metropolitano. Segundo Zélia M. Bora (2006), ela criou uma visão diferenciada frente aos demais discursos, tais como os que dizem respeito a questões de pertinência e não pertinência do sujeito afrodescendente no espaço nacional. Assim, seu discurso sobre a nação foi narrado a partir da perspectiva dos sujeitos oprimidos, como uma pluralidade de indivíduos, entre homens negros e mulheres negras e brancas, criando, assim, um sentido bem mais abrangente de alteridade,

Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria.

Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de mártírios, sem esperança e sem gozos! (REIS, 2004, p. 22).

Desta forma, ao contrário do que mostram muitas obras da época, tais como *Cinco minutos* (1856), de José de Alencar e *A viuvinha* (1857), também de autoria de José de Alencar, *Úrsula* é a história trágica de uma sociedade submetida às contingências arbitrárias da ordem patriarcal.

Destaca-se que, em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis traz a escravidão como algo “odioso”, mas nem por isso endurece a sensibilidade do jovem negro, o que seria uma chave para compreender a estratégia autoral de denúncia e combate ao regime sem agredir em demasia as convicções dos leitores brancos. Um exemplo seria Túlio, que é uma vítima, não um algoz e sua revolta se faz no seu silêncio, já que Túlio não tem meios para confrontar o poder dos senhores. Ao longo da obra, observa-se que o comportamento de Túlio é sempre baseado em valores cristãos e dele também parte a ideia de que apenas a morte liberta da opressão vivida pelos escravos:

Oh! esperança! Só a têm os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!... Gozos!... só na eternidade os anteveem eles! Coitado do escravo! nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!!... (REIS, 2004, p. 22).

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?!

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista (REIS, 2004, p. 23).

Nesta obra, Maria Firmina dos Reis deu ao negro uma posição que até então lhe tinha sido negada, a posição de ser humano privilegiado, portador de sentimentos, memória e alma (MENDES, 2011). No que diz respeito à posição dada ao negro nesta obra, segundo Charles Martin⁴, o negro não apenas é colocado em pé de igualdade diante do rico Cavaleiro, mas mais do que isto, ele é visto como a “base de comparação” para que o leitor possa avaliar o valor do herói branco (DUARTE, [s.d.]), o que pode ser verificado no trecho em que o escravo Túlio salva Tancredo:

Apesar da febre, que despontava, o cavaleiro começava a coordenar suas idéias, e as expressões do escravo, e os serviços que lhe prestara tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão, o mancebo, arrancando a luva, que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara (REIS, 2004, p. 25).

É importante destacar que Tancredo e Úrsula – as personagens protagonistas desta narrativa – são brancas e as personagens negras ocupam um papel secundário na obra. Entretanto, são muito significativas, pois é através das personagens secundárias que temas de extrema relevância, tais como a problemática da escravidão negra, são abordados. Susana, uma das personagens secundárias do romance ocupa um papel digno de destaque. Eduardo Assis Duarte⁵ e Charles Martin a comparam um elo vivo da

4. Autor da introdução da terceira edição de *Úrsula*. REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 3. ed. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo. Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

5. Autor do posfácio da quarta edição de *Úrsula*. REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

memória ancestral ou uma espécie de *alter ego* da romancista, sendo esta personagem que configura a voz feminina, é a porta-voz da verdade histórica e é quem pontua as ações, seja com comentários ou como porta-voz dos anúncios e previsões, os quais preparam o espírito do leitor e aceleram o andamento da narrativa.

A estratégia discursiva de fazer da escrita literária uma possibilidade de dar voz para os antepassados é usada por Maria Firmina dos Reis em *Úrsula*. A autora abre espaço para que uma personagem secundária assuma a focalização⁶, retratando a questão da escravidão sob o ponto de vista dos próprios escravos e destacando que o único lugar onde o “signo” liberdade faz algum sentido são as terras africanas, de onde ela foi arrancada (ALÓS, 2011). O nono capítulo do livro é dedicado à Susana e neste capítulo, a escrava relata a Túlío sua vida na África, terra onde era livre e vivia com seu esposo e com sua filha, relembando, até mesmo, o caminho que os negros escravizados trilhavam até chegar ao Brasil. Nesta conversa, Susana questiona a alforria dada a Túlío por Tancredo, questionando-o se ele não estaria trocando um cativo por outro cativo:

- Túlío, – continuou – não sabes quanto sofro quando recordo-me de que nossa querida menina vai tão breve ficar só no mundo! Só, Túlío! Quem a acompanhará? quem poderá consolá-la! Eu? Não. Pouco poderei demorar-me neste mundo. Meu filho, acho bom que não te vás. Que te adianta trocares um cativo por outro! E sabes tu se ao o encontrarás melhor? (...)
- Oh! Quanto a isso não, mãe Susana – tornou Túlío – (...). Não

6. O narrador e a focalização determinam o que se conhece por narração, visto que a questão do narrador e a questão da focalização estão acopladas. O narrador é a instância que define as características específicas do texto, a partir das diferentes maneiras pelas quais pode ter sua presença indicada neste. A focalização, por sua vez, insere-se no âmbito da história, enquanto o narrador pertence ao âmbito do texto e das técnicas narrativas. É através da focalização que se pode apreender de onde o narrador fala, bem como quais são os juízos de valor que ele assevera (ALÓS, 2013).

troco cativo por cativo, oh, não! troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! (...)

– Tu! Tu livre? ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?... (REIS, 2004, pp. 113 - 114).

Além de questionar a validade da alforria, Susana relata a Túlio a sua vida na África e a sua captura, assumindo o papel de porta-voz da verdade histórica:

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assombio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em vão que supliquei em nome da minha filha, que me restituissem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão [...]

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa (REIS, 2004, pp. 116-117 - grifos da autora).

É ainda na condição de portadora da verdade histórica que Susana lembra os horrores vivenciados na travessia até chegar ao Brasil e as punições sofridas sempre que alguém tentava, em vão, rebelar-se:

Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos com-

panheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte.

Nos últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozerar. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar morte aos cabeças do motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foram sufocadas nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades (REIS, 2004, p. 117).

O escravo alforriado Túlio destaca-se também pela sua consciência de que a escravidão restringe-se apenas ao corpo. Segundo Algemira Macedo Mendes (2006), Túlio demonstra ter muita sabedoria, apesar de ser um rapaz jovem, e suas reflexões mostram as ideias de alguém que poderia ter se desenvolvido intelectualmente, mas que não fora em função da sua condição de escravo e da segregação que vivia. O jovem, ao mesmo tempo em que deseja a sua libertação e a dos demais escravos, compreende que apesar da condição em que vive, sua mente não pode ser escravizada:

– [...] Porque ao africano seu semelhante disse: – és meu! – ele curvou a fronte, e humilde, e rastejando qual erva, que se calcou aos pés, o vai seguindo? Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: – escravidão?!... E entretanto este também era livre, livre como um pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre. Oh! a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da

África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: [...]. Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonho em que engolfara, e a realidade opressora lhe aparece – é escravo em terra estranha! [...] foge a doce ilusão de um momento, como ilha movediça; porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! (REIS, 2004, pp. 38 - 39).

O romance envolve ainda uma dimensão entre raça, cultura e gênero, como parte das representações da condição da mulher brasileira no século XIX, retratada a partir da perspectiva de uma intelectual negra. Ao longo do romance, Maria Firmina dos Reis reitera a predominância dos cânones dominantes do enredo, visto que há muita dependência do domínio patriarcal. Esta dependência, à qual as personagens estão submetidas, leva-as ao fracasso e à morte diante da vontade patriarcal. A derrota dos personagens não é a derrota da narrativa, pois esta emerge como signo de diferença, construindo outra versão sobre os fatos, em que a crítica à violência ao sistema patriarcal é um tema essencial na obra (BORA, 2006).

Desta forma, discutir e relativizar o cânone viabiliza o abalo de tradições e sistemas de valores instituídos pelos centros de poder. Enquanto as nações periféricas relativizam os critérios estéticos impostos pelas metrópoles, os países centrais são assolados pelas reivindicações de grupos subalternizados, nos quais mulheres, negros e homossexuais, em um importante gesto de *descolonização do imaginário*, reivindicam parâmetros alternativos para a produção cultural (ALÓS, 2012).

4. Considerações finais

Por fim, deve-se considerar que *Úrsula*, o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, escrito cerca de 29 anos antes da abolição

da escravatura no Brasil, por uma mulher afrodescendente traz à tona reflexões acerca da exclusão de Maria Firmina dos Reis dos cânones literários nacionais. A autora ocupa um espaço público, o espaço da escrita, o que, em geral, não era permitido às mulheres, e o usa como atuação política, onde questiona a legitimidade da escravidão e os valores da sociedade patriarcal.

Nesta obra, Maria Firmina dos Reis relata a escravidão sob o ponto de vista dos escravos, dando a eles voz para que pudessem relatar suas memórias não só da sua terra natal, mas da travessia até chegar ao Brasil, a violência a que os escravos eram submetidos em tal travessia e em terras brasileiras, e ainda, é usando a voz de uma escrava, que Maria Firmina dos Reis questiona a alforria, a possibilidade de ser “livre” em um país escravocrata como o Brasil daquela época.

A crítica aos valores da sociedade patriarcal aparece através da representação da mulher brasileira do século XIX, a qual tinha seus desejos, suas vontades e seu corpo submetidos à ordem patriarcal. Tal fato fica visível no amor de Úrsula por Tancredo e no final fatídico de seu relacionamento, submetido às vontades e aos desejos do tio da protagonista. Desta forma, cabe ressaltar que, a inclusão ou exclusão de algumas obras do cânone literário, como é o caso de *Úrsula*, não acontece de forma neutra ou sem interesses, mas em função de escolhas políticas, evidenciando o descrédito de obras e autores que não estão ligados às elites culturais, sejam elas de gênero, classe ou de raça dominante.

Referências

ALENCAR, José. Cinco minutos. Edição especial. Rio de Janeiro: Typ. Mont'Alverne, 1894. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00176000/001760_COMPLETO.pdf> Acesso em: 12/05/2013.

_____. A viuvinha e Cinco minutos. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1860. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00016300/000163_COMPLETO.pdf> Acesso em: 12/05/2013.

ALÓS, Anselmo Peres. A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

_____. Histórias entrelaçadas: redes intertextuais em narrativas afro-brasileiras. Cerrados, v. 20, n. 31. Brasília (UnB), 2011, pp. 107 - 122. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8255/6252>> Acesso em: 16/03/2013.

_____. Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. Organon, v. 27, n. 52. Porto Alegre (UFRGS), 2012, (pp. 17-42). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33469/21342>> Acesso em: 15/03/2013.

ALÓS, Anselmo Peres; SCHMIDT, Rita Terezinha. Margens da poética/poéticas da margem: o comparatismo planetário como prática de resistência. Organon, v. 23, n. 47. Porto Alegre (UFRGS), 2009. (pp. 129-145). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29514/18199>> Acesso em: 19/03/2013.

ALVES, Castro. Obras completas de Castro Alves. Primeiro Volume. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1921, Vol. 1. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00043810#page/11/mode/1up>> Acesso em: 11/05/2013.

_____. Obras completas de Castro Alves. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1921. Vol. 2. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00043820#page/1/mode/1up>> Acesso em: 11/05/2013.

BORA, Zélia M. A diáspora afro-brasileira em Úrsula de Maria Firmina dos Reis. Revista del CESLA, n. 9. Varsóvia, Polônia: Uniwersytet Warszawski, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243316413005>> Acesso em: 15/03/2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Literatura afro-brasileira – FALE/UFGM. Belo Horizonte, MG, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/data1/autores/102/mariafirminacritica01.pdf>> Acesso em: 17/06/2012.

_____. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 31. Brasília (UnB), jan.-jun. 2008, pp. 11-23.

GAMA, Luiz. Primeiras trovas burlescas de Getulino. São Paulo: Typographia Dous de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1859. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00893800#page/11/mode/1up>> Acesso em: 11/05/2013.

GUIMARÃES, Bernardo. A escrava Isaura. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

LOBO, Luiza. Crítica sem juízo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACEDO, Joaquim Manoel de. As vítimas-algozes: quadros da escravidão. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; São Paulo: Scipione, 1991.

MENDES, Algemira Macêdo. O discurso antiescravagista em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Cerrados, Brasília (UnB), v. 20, n. 31, 2011, pp. 75 - 92. Disponível em: <<http://www.revistacerrados.com.br/index.php/revistacerrados/article/view/200/170>> Acesso em: 13/05/2012.

_____. Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006. 282f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/16/TDE-2007-06-20T155835Z-693/Publico/390035_p1_282.pdf> Acesso em: 26/05/2013.

MORAIS FILHO, José Nascimento. Maria Firmina: fragmentos de uma vida. São Luiz: COCSN, 1975.

MONTEIRO, Maria do Socorro de Assis. O subterrâneo intimismo de Úrsula: uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis. Letrônic@, Porto Alegre (PUCRS), v. 2, n. 1, 2009, pp. 361-38. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/5100/4056>> Acesso em: 13/05/2012.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: _____. (Org) Escritoras brasileiras do século XIX. 2. ed. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; EDINISC 2000, pp. 264-284.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa. Gênero e etnicidade no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. 2007. 107f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-73WGED/1/disserta__o__revis_o.pdf> Acesso em: 13/05/2012.

REIS, Francisco Sotero dos. Curso de literatura portuguesa e brasileira: volume I. São Luis: Typ. de B. de Mattos. 1866.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 2 ed. Impressão fac-similar. Prólogo de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1975.

_____. *Úrsula*. 3. ed. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo. Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

_____. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.

_____. A escrava. In: Revista Maranhense, ano I, n. 3, novembro de 1887, apud Moraes Filho, Op.cit.

_____. Gupeva: romance brasiliense. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. Maria Firmina: fragmentos de uma vida. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975, p. 103-134.

_____. Cantos à beira-mar. São Luis: Governo do Estado do Maranhão, 1871. Edição fac-similar.

_____. Hino à liberdade dos escravos. In: FARIA, Antônio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves (Orgs.). Poemas brasileiros sobre trabalhadores: uma antologia de domínio público. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 53.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. Estudos Feministas, Florianópolis (UFSC) n. 8, n. 1, 2000, pp. 84 – 97. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858/9091>> Acesso em: 17/03/2013.

_____. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília. Nº 32, 2008, pp. 127 – 141. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3210.pdf> Acesso em: 16/03/2013.

_____. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, pp. 765-769, setembro – dezembro / 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a14v14n3.pdf>> Acesso em: 16/03/2013.

SILVA, Marcelo José da. A figura do intelectual afro-brasileiro nos prefácios de Úrsula, Memórias póstumas de Brás Cubas e Recordações do escrívão Isaías Caminha. *Terra roxa e outras terras*. Volume 17 – A – dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Ae.pdf> Acesso em: 16/03/2013.

SOARES, Luiz E. Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In: PINTO, Paulo R.; MAGNO, Cristina; SANTOS, Ernesto P.; GUIMARÃES, Livia (Orgs.). *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. pp. 217-238.

TAVARES, Eleusa Diana Almeida. Literatura e história no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula. In: XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2007. Ilhéus, BA. *Anais... Ilhéus, BA: Universidade Estadual de Santa Cruz*, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/ELEUZA%20DIANA%20ALMEIDA%20TAVARES.pdf>> Acesso em: 14/03/2013.